

SEQÜESTRO

Libertado superintendente do Incra

Depois de quatro dias preso em cárcere privado pelos índios caingangues, de Toldo Pinhal, oeste de Santa Catarina, o superintendente do Incra no estado, Ademar Paulo Simon, foi libertado na tarde de domingo, 27. Ele, o administrador estadual da Funai, Ademir Migliavacca, e dois servidores dos órgãos, foram feitos reféns por 30 famílias indígenas que reivindicam uma área de 894 hectares no município de Seara, distante 490 quilômetros de Florianópolis.

A libertação dos reféns foi feita mediante o compromisso da Funai e do Incra de indenizar as 53 famílias de agricultores, para que possam desocupar as terras indígenas. Foi estabelecido um prazo de 30

dias para que as terras sejam entregues aos caingangues. O valor da indenização está calculado em mais de R\$ 1 milhão.

O acordo não foi protocolado. O documento foi redigido à mão, dentro da reserva indígena de Toldo Pinhal. Foram escritos também termos que alertam que, caso o compromisso não seja cumprido dentro de 30 dias, os índios usarão outras ações para resolver o conflito.

Separados apenas por cercas de arames, os índios caingangues vivem em barracas de plásticos e realizam trabalhos nas lavouras cultivadas pelos brancos. O conflito entre índios e colonos ocorre desde 1940. Na semana passa-

da, revoltados com o descaso da Funai, o cacique Gonçalves Myr resolveu "dar um basta na miséria que vive o povo indígena". Ele convocou índios do Rio Grande do Sul e do Paraná para respaldar a desocupação. Os índios compareceram com lanças, tacapes, flechas e com corpo e rosto pintados "para a guerra".

O presidente da Funai, Júlio Gaiger, se recusou a negociar "sob pressão", e determinou a intervenção da Polícia Federal para a libertação dos reféns. Os quatro servidores foram trancados numa casa que serve de escola para as crianças indígenas. Eles não foram maltratados e negociaram com os índios o fim do cativoiro.

Após cinco dias de tensão, o administrador da Funai reuniu João Batista Oselane e Euclides Basso - também reféns - em sua chácara. Com a família, os três passaram o dia tomando banho de piscina, comendo e relembrando os dias em que permaneceram em cativoiro. "Se o tempo em que permanecemos lá serviu para agilizar um acerto, valeu a pena", disse Migliavacca.

Ademar Paulo Simon aproveitou o dia de feriado do servidor público para passear com a mulher e filhos em Florianópolis, onde reside. Simon não atendeu nem mesmo o telefone. "Ele saiu e não sabe a hora que volta", informou a secretária.